

A Última Ceia em debate na unB

O Cineclube da unB começa, aos poucos, a se sedimentar. Já tem, inclusive, programação para os quatro próximos fins de semana. Até domingo, exibe um dos mais belos filmes cubanos de todos os tempos — A Última Ceia, de Tomás Gutiérrez Alea, 57 anos, o mais criativo e respeitado nome cinematográfico da Ilha. É possível, até, dizer que Alea forma, com os argentinos Fernando Birri e Fernando Solanas e o mexicano Paul Leduc, o quarteto máximo do cinema hispano-americano.

Semana que vem, o Cineclube Dois Candangos exibe Eu Te Amo, segundo filme da "trilogia entre quatro paredes" do Arnaldo Jabor. Na última semana de junho, um filme de Ingmar Bergman, de rara força metafórica: O Ovo da Serpente. Na primeira semana de junho, o último filme de Luchino Visconti: O Inocente.

A Última Ceia iniciou sua temporada na unB, ontem. Hoje, será exibido às 12h30 e às 20 da noite. Depois da sessão noturna haverá debate com a escritora Josina Albuquerque, autora do livro Viver em Cuba, e com o professor Hélio Lopes dos Santos, que abordará a obra de Gutiérrez Alea. Amanhã e domingo, o filme será exibido na sessão das 20h.

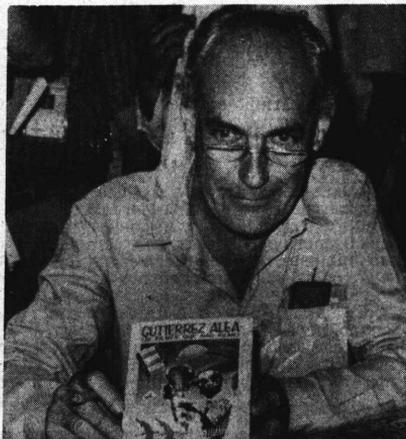
Tomás Gutiérrez Alea iniciou-se no cinema em 1950, com o super-8 Una Confusión Em 55, participou do "marco zero" do cinema cubano: El Mégano, filme de Julio García Espinosa, que está para o cinema da Ilha, assim como Rio 40 Graus, de Néilson Perelra dos Santos está para o Cinema Novo. El Mégano, dirigido por Julio García Espinosa teve em sua equipe de colaboradores, os nomes que, com a Revolução de Fidel Castro e Che Guevara, fa-

rlam o novo cinema cubano, dentro do ICAIC (Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica). Em 59, já vivendo o processo revolucionário (a revolução castrista triunfou no reveillon daquele ano), Alea dirige seu primeiro curta-metragem, em 16mm: Esta Tierra Nuestra. No ano seguinte, estreia no longa-metragem com Histórias da Revolução (filme em três episódios: O Ferido, Rebeldes e A Batalha de Santa Clara),

onde reconstrói os tempos heróicos da guerrilha. Para este filme, contou com assessoria direta de Ernesto Che Guevara, que chegou a visitar o set de filmagens para ver se a reconstituição estava adequada. Ainda em 60, Alea realizou outro filme — o curta-metragem Asamblea Geral. Em 61, produziu novo documentário — Morte ao Invasor, trabalho de rara força, onde registra a reação dos cubanos à invasão da Baía dos Porcos por forças contra-revolucionárias.

Em 62, Alea realizou seu segundo longa. Realizou São Doze Sillas (As Doze Cadeiras). Em 64, Cumbite, e em 66 La Muerte de Un Borócrata, uma das mais sofisticadas e criativas comédias já produzidas no continente. Em 1968, ano-chave da história cultural do mundo moderno, Gutiérrez Alea faz Memórias del Subdesarrollo, que para muitos é seu melhor filme.

Nos anos 70, Alea realizou três longas e um curta-



Tomás, destaque do cinema cubano

metragem: Uma Peleja Cubana Contra os Demônios (71); A Arte do Tabaco (curta, 74); A Última Ceia (76) e Os Sobreviventes (78). Nestes anos 80, o cineasta só realizou um longa-metragem: Hasta Cierito Punto, que tem como tema a luta da mulher, em Cuba, por sua emancipação. Com a aprovação, pelo Concine, da liberação de cópiagem de filme de arte, em até três cópias, Cierito Punto deve chegar, no próximo ano, ao circuito comercial brasileiro.

CEIA TRÁGICA

A ação dramática de A Última Ceia transcorre nos últimos anos do século XVIII, quando a demanda mundial do açúcar recai sobre Cuba e os fazendeiros cubanos — incapazes de assimilar os avanços tecnológicos da revolução industrial com a mesma rapidez com que aumentava a demanda — só puderam incrementar a produção levando até o limite de suas possibilida-

des o trabalho dos escravos. No meio desta situação, um conde de Havana realiza durante a Semana Santa uma visita ao seu engenho e decide cumprir o rito cristão dessa data. Na Quinta-Feira Santa, ele reúne doze escravos para lavar-lhes os pés, sentá-los à sua mesa e servir-lhes a ceia, como Jesus fez quando se despediu de seus discípulos. Durante a Ceia, o conde se mostra soberbo e humilde, alternadamente. Conversa com os escravos e narra um episódio da vida de São Francisco onde diz que a perfeita felicidade está em receber a dor com felicidade. A medida em que bebem e comem, a tensão inicial se afrouxa. O conde se mostra comunicativo chegando a falar mal do feitor — e explicando que Sexta-Feira Santa não é dia de trabalho, mas sim de honrar a Cristo. Amanhece a Sexta da Paixão e o conde abandona o engenho. Quando os escravos são chamados para o trabalho dizem que na Sexta-Feira Santa não se trabalha, pois é o dia do Senhor, reagem com violência e tomam o feitor como refém. Instala-se a rebelião. Quando o conde toma conhecimento do que se passa no engenho, organiza feroz repressão, que culmina com a crucificação e decapitação dos escravos que cearam com ele. Só um se salva e sai em desabalada corrida pelos campos.

O incrível no filme está na força da narrativa e na simplicidade aparente de suas imagens. Suas metáforas são percebidas à flor da pele, mas o filme alcança sua transcendência, na medida em que possibilita leituras mais profundas. Da obra de Alea, há que se concluir que sua trilogia máxima reúne Morte de Burocrata, Memórias do Subdesenvolvimento e A Última Ceia. (Marta do Rosário Caetano).